

INSTITUTO JUNGUIANO DE SANTA CATARINA – IJUSC

Maraíke Klimmek Marschall

PAPER 03

Entre vozes e silêncios: a música como espelho da alma

Paper apresentado como requisito parcial para obtenção do título de analista junguiano pelo Instituto Junguiano de Santa Catarina – IJUSC. Filiado a Associação Junguiana do Brasil – AJB e a *International Association of Analytical Psychology* – IAAP.

Nome da tutora: Márcia Marchi

Florianópolis (SC)
2025

Entre vozes e silêncios: a música como espelho da alma

Desde os primórdios da humanidade a música ocupa um lugar de destaque na experiência humana, sendo profunda, misteriosa e capaz de tocar camadas do ser que escapam à racionalidade. Ela transcende o ato simples de escutar, configurando-se como uma experiência em que o indivíduo se sente tocado por algo que não é seu. Certas harmonias parecem evocar aspectos da psique que permanecem além do alcance da linguagem, assim como não sabemos explicar por que determinada melodia nos atravessa de maneira diferente ou por que um intervalo dissonante nos emociona. É a alma é que aparenta responder, como se a música dissesse algo que nenhuma palavra pudesse alcançar. Assim, quando falamos de alma uma das primeiras imagens que surge é a da música. Ambas são invisíveis, no entanto reais, tocam no que não pode ser dito, mas sim sentido.

Este *paper* começa a ser escrito como um impulso interno para investigar essa afinidade. E, apoiados nisso, nos propomos a explorar aproximações entre a música e a alma, sob a perspectiva da Psicologia Analítica, investigando como a experiência musical pode ser também compreendida como uma manifestação da alma e da sизígia.

O conceito de alma não deve ser confundido com o do senso comum, que geralmente o associa a ideias religiosas ou a algo de essência imortal. Alma é um conceito amplo e complicado que pode levar uma vida inteira para ser desvendado. Para Jung (OC 6, §466):

a alma é a personificação do inconsciente. [...] a alma tem sempre algo de terreno e algo de espiritual. [...] não perde jamais sua posição intermédia. É preciso considerá-la [...] como função entre o sujeito consciente e as profundezas do inconsciente, inacessíveis ao sujeito.

Isto significa dizer que, a alma dá forma ao que é invisível e desconhecido dentro de nós. Não é uma ideia abstrata: ela é viva, sente, reage, conduz. Com uma natureza paradoxal, está ligada tanto ao corpo, quanto às emoções e ao instinto, mas ao mesmo tempo também ao mistério, ao símbolo e ao sagrado. A alma não é um conceito fixo, portanto não deve ser entendida como um objeto que se possui, mas como um processo dinâmico, um campo de experiência em constante mudança. (JUNG, OC 6)

A alma, é, portanto, o centro da nossa vida simbólica. É ela quem confere profundidade às nossas experiências, nos abre à imaginação, à arte, à espiritualidade e à capacidade de transformação. Em síntese, “[...] se quisermos compreender o que significa “alma” devemos incluir o mundo.” (Jung, OC 9/1, §114)

A música, assim como a alma, não é rigorosamente definida, “A música permanece para sempre livre para vaguear pelos reinos pessoais e subjetivos da psique porque é um léxico simbólico sem linguagem específica.” (Kroeker, 2022, p. 55) Ou seja, ao contrário da linguagem verbal, por exemplo, não está presa a significados fixos ou a estruturas gramaticais. Ela não precisa ser decodificada como um texto, porque cada pessoa a escuta de uma forma diferente, ressoando com seus próprios afetos, memórias, experiências e imagens interiores. Essa liberdade da música, de não significar uma coisa única, é o que a torna especialmente afinada com a psique.

Ao escutarmos uma música que nos atravessa, somos afetados de forma fragmentada e muitas vezes até contraditória. Cada nota parece carregar um peso que é maior do que sua função principal. Com isto, a música se transforma em uma ampla analogia para a dinâmica da alma, uma via para a compreensão das manifestações simbólicas do inconsciente. Ela tem algo de ancestral, não apenas no sentido histórico, mas na forma como nos atravessa antes da palavra. A sua origem está entrelaçada com a do ser humano e com isso não é possível explicá-la por uma causa única. Kroeker (2022, p. 45) destaca que “A percepção musical é praticamente tecida em nosso código genético desde seu princípio, e antecede qualquer cognição verbal.” Portanto, ela pode ter tido origem no corpo humano, por exemplo. O ritmo do coração, a cadência da respiração e os sons da natureza podem ter sido as primeiras referências auditivas. (MITHEN, 2011)

A música pode ser definida como “[...] a arte de combinar sons simultânea e sucessivamente, com ordem, equilíbrio e proporção dentro do tempo.” (Med, 1996, p.11) Ou melhor, a música é uma prática intencional, que exige sutileza perceptiva. A simultaneidade remete à harmonia, as notas soando ao mesmo tempo, e a sucessividade diz respeito à melodia e ritmo, os sons organizados ao longo do tempo. A música só existe no tempo, ela se desenrola, se desenvolve e precisa de duração.

Sendo assim, elementos musicais como ritmo¹, harmonia² e melodia³ podem ser interpretados como imagens simbólicas do funcionamento psíquico: o ritmo sugere a alternância necessária entre polaridades internas, a harmonia representa a capacidade de integrar as tensões e a melodia expressa a narrativa evolutiva da experiência interior.

Há em cada pessoa uma espécie de partitura silenciosa, não escrita em papel, mas inserida no ritmo que sente, nas pausas que carrega, nos acordes que repete sem saber. Essa partitura invisível é a alma. Ela não segue uma lógica linear, suas anotações são feitas com gestos, sonhos, pressentimentos, deslizes. Há compassos que se repetem como padrões na vida, há intervalos dissonantes que aguardam resolução. A aproximação da alma a uma partitura musical invisível nos permite pensar a psique como um sistema organizado por uma ordem simbólica que, embora não perceptível pelos sentidos físicos, orienta o fluxo dos processos interiores. Assim, a alma tem ritmo, harmonia e melodia – elementos que espelham sua capacidade de integrar opostos e ordenar a experiência psíquica, ainda que em meio à complexidade e à tensão inerentes do processo de individuação.

Com isso, não é possível nos referir a alma sem também abordar dois arquétipos centrais na dinâmica relacional da psique: *anima* e *animus*. Eles são as nossas vozes internas e representam “[...] uma espécie de elo ou ponto entre o pessoal e o impessoal, bem como entre o consciente e o inconsciente.” (Jung, 2020, p. 16) São figuras mediadoras no processo psíquico, simbolizando respectivamente aspectos femininos na psique masculina e os masculinos na psique feminina. (Jung, OC 9/2) Emma Jung (2020, p. 16) ainda esclarece que são:

[...] um complexo funcional, que se comporta de forma compensatória em relação à personalidade externa, de certo modo uma personalidade interna que apresenta aquelas propriedades que faltam à personalidade externa, consciente e manifesta.

¹ “Ordem e proporção em que estão dispostos os sons que constituem a melodia e a harmonia.” (Med, 1996, p. 11) Isto quer dizer que música não é apenas som jogado no ar — ela tem uma organização, uma lógica interna. Os sons são escolhidos e colocados em uma certa ordem, com equilíbrio e intenção.

² “Conjunto de sons dispostos em ordem simultânea (concepção vertical da música).” (Med, 1996, p. 11) Isto é, quando vários sons diferentes tocam ao mesmo tempo e nós os percebemos como algo coeso.

³ “Conjunto de sons dispostos em ordem sucessiva (concepção horizontal da música).” (Med, 1996, p. 11) Em outras palavras, é quando os sons vêm um depois do outro, como uma linha que caminha no tempo. É uma linha que se move para frente — como o tempo passando, como uma frase sendo falada.

Dito de outra forma, *anima* e *animus* são complexos funcionais autônomos e complementares, são mediadores buscando integração. Sua importância reside na maneira como agem silenciosamente sobre os vínculos, as escolhas, as crenças e, sobretudo, na relação que o sujeito estabelece consigo mesmo e com o outro.

“Assim como a mãe parece ser o primeiro receptáculo do fator determinante de projeções relativamente ao filho, assim também o é o *pai* em relação a filha.” (OC 9/2, §28) Os pais exercem um papel fundamental na formação psíquica dos filhos, especialmente no que diz respeito à *anima* e ao *animus*. O filho tende a projetar sua *anima* na mãe, a filha projeta o *animus* no pai. Desse modo, mãe e pai funcionam como pontos iniciais onde essas imagens arquetípicas ganham forma concreta. E sendo arquétipos do inconsciente coletivo, são constelados e tomam forma específica através da experiência com figuras parentais e com o sexo oposto na infância e juventude. O seu conteúdo simbólico varia com a história de cada um.

Jung (OC 9/2, §40) nos alerta que:

[...] embora os conteúdos da *anima* e do *animus* possam ser integrados, a própria *anima* e o próprio *animus* não o podem, porque são arquétipos; [...] As atuações da *anima* e do *animus* podem tornar-se conscientes, mas, em si, são fatores que transcendem o âmbito da consciência, escapando à observação direta e ao arbítrio do indivíduo. Por isso ficam autônomos, apesar da integração de seus conteúdos, razão pela qual não se deve perdê-los de vista.

Isto é, mesmo quando os conteúdos são reconhecidos parcialmente, eles continuam agindo nos bastidores da psique. E é importante manter-se atento, não como um vigia, mas de forma a se relacionar com algo maior do que nós mesmos.

Quando compreendemos que a relação entre *anima* e *animus* não é de oposição, mas sim de complementariedade, podemos entender esse entrelaçamento como uma união de opostos. Esse vínculo é chamado de sizígia, “A complementariedade que está dentro de um par de opostos.” (Pieri, 2022, p. 473) Ela remete a ideia da união de pares opostos, mas não como uma fusão, onde os opostos se anulam, ela exige que cada parte seja reconhecida na sua singularidade, onde a tensão é mantida e ao mesmo tempo superada, “[...] concomitantemente ao masculino sempre é dado o feminino correspondente.” (Jung, OC 9/1, §134) Melhor dizendo, toda expressão psíquica que se apresenta como masculina, carrega, em algum ponto de sua estrutura, uma contraparte feminina, ainda que não imediatamente visível. Não se trata de uma oposição externa, mas de uma presença silenciosa, que habita a

mesma forma, como sombra contida na luz. É como se a alma, em seu modo de manifestar jamais permitisse um movimento isolado, sempre há um par oculto que pulsa junto, esperando ser reconhecido e desse modo, compreender o par *anima* e *animus* requer escuta e atenção ao movimento interno.

Assim como *anima* e *animus*, na música há momentos em que duas vozes se entrelaçam, criando uma harmonia inesperada. Nesta dinâmica, o diálogo propicia a emergência de novas formas de consciência, ao se permitir que as polaridades internas coexistam, mas sem anulação. Não é acidental que tantas obras musicais tenham nascido de experiências psíquicas perimetrais como perdas amorosas ou rupturas espirituais. O compositor não compõe a partir do controle, mas a partir da entrega ao inconsciente, a esse diálogo interno.

Então, a música, neste sentido, pode ser compreendida como uma forma simbólica dessa união, desse enlace, da sизígia: há nela estruturas que se tocam sem se confundir, ela sustenta contrastes e os transforma em linguagem. Quando uma melodia se insinua sobre um fundo harmônico, há uma conversa sutil entre duas linhas distintas, mas interdependentes. É nesse espaço onde os opostos complementares dançam, como pares invisíveis. E da mesma forma, a alma, ao se manifestar, sustenta esse jogo entre masculino e feminino internos, entre luz e sombra, entre o som e o silêncio. Compreendemos dessa forma que a música se torna um espelho da alma e uma via de revelação das suas polaridades mais profundas. Ela evoca a alma e a convoca a se manifestar sustentando a tensão dos opostos.

Deste modo, a alma está relacionada a música porque ambas operam em esferas simbólicas, invisíveis e não-rationais da experiência humana. A alma é uma função que faz ponte entre consciente e inconsciente, dando forma aos conteúdos mais profundos da psique. Da mesma forma, a música é uma linguagem que dispensa palavras, mas comunica diretamente com os símbolos e as imagens interiores.

A música também lida com polaridades, como já mencionamos anteriormente, tensão e resolução, silêncio e som, dissonância e consonância. Isto acontece de forma semelhante à maneira como a alma busca integrar os opostos internos. Essa ressonância entre a alma e a música não é acidental, mas de certa forma estrutural, pois ambas pertencem ao reino do simbólico, onde o invisível ganha forma e o indizível pode ser escutado.

Ao longo deste *paper* buscamos explorar a relação entre alma e música, não como linguagem por si só, mas também como metáfora do funcionamento psíquico.

A alma não é um objeto, mas um campo de experiência simbólica e nesse percurso foi necessário trazer à luz os arquétipos *anima/animus*, compreendidos como personificações das forças relacionais internas que mediam o diálogo entre consciente e inconsciente.

Talvez a contribuição mais significativa que a música oferece em se tratando da alma, é a capacidade de tocar o que ainda não encontrou palavra. Tantas vezes nos emocionamos com uma melodia porque algo em nós foi reconhecido, sem racionalidade. Portanto, a escuta da alma não é uma tarefa fácil, tampouco imediata. Precisamos estar disponíveis, entregues, em silêncio. É uma atenção diferente do que estamos acostumados. Assim como na música aprendemos a ouvir as camadas que compõe uma sinfonia, na vida psíquica somos chamados a ouvir as vozes que nos habitam.

E, assim, este trabalho não pretendeu e nem conseguiu esgotar um tema tão amplo e complexo, mas pode, sim, abrir um caminho de estudo. A música nos conduz para além da superfície da experiência, tocando regiões psíquicas onde palavra alguma alcança. Ela não acompanha apenas a vida da alma, é como se cada nota carregasse um fragmento daquilo que somos, mas que ainda não sabíamos ser. Quando escutamos uma música que nos comove sem sabermos o motivo, talvez seja a alma que, silenciosamente, se reconhece naquela vibração, e nesse reconhecimento, encontra um lugar para habitar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos (OC6)**. 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 9. Reimpressão, 2013.

_____, Carl Gustav. **Aion (OC9/2)**. 10. Ed. Petrópolis: Vozes, 16. Reimpressão, 2013.

_____, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo (OC9/1)**. 11. Ed. Petrópolis: Vozes, 15. Reimpressão, 2014.

JUNG, Emma. **Animus e anima**. 2.ed. Pensamento Cultrix: São Paulo, 2020

KROEKER, Joel. **Quando a psique canta: a música na psicoterapia junguiana**. Paulus: São Paulo, 2022.

MED, Bohumil. **Teoria da música**. Musimed: Brasília, 1996.

MITHEN, Steven. **The singing neanderthals: the origins of music, language, mind and body**. Weidenfeld & Nicolson: Inglaterra, 2011.

PIERI, Paolo Francesco. **Dicionário Junguiano**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulus, 2022.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

KAST, Verena. **A alma precisa de tempo**. Petrópolis: Vozes, 2016.

SACKS, Oliver. **Alucinações musicais**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

SANFORD, John A. **Os parceiros invisíveis: o masculino e o feminino dentro de cada um de nós**. São Paulo: Paulus, 1987.

THIBAUDIER, Viviane. **Jung, o médico da alma**. Paulus: São Paulo, 2014.